



# *gurgulio*

Jerónimo Rocha



Flagelado por uma crise de meia-idade, Pedro regressa à sua cidade natal em busca de um vislumbre da sua identidade, entretanto esquecida num lugar onde já foi feliz, e que agora consome obsessivamente a sua imaginação.

Texto: *Jerónimo Rocha*

Trilha sonora: *L Filipe dos Santos*

Ilustração: *Susa Monteiro*

Produção: *short/age by Shortcutz Viseu*

Este autor escreve segundo o antigo A.O.

© Todos os direitos Reservados

Agosto, 2020

[www.shortage.online](http://www.shortage.online)

APOIO



FINANCIAMENTO

**VISEU**



FADE DE NEGRO PARA

**1. EXT. ESTAÇÃO DO ROSSIO - LISBOA - DIA**

TRACK IN ao nicho central da fachada da estação do Rossio. Turistas e os demais transeuntes entram e saem da estação, sob o sol brilhante de Lisboa.

**NARRADOR**

Uma peanha na fachada principal da Estação do Rossio onde outrora estivera uma estátua, agora encontra-se vazia. Aparentemente terá sido derrubada por um turista que queria tirar uma selfie com a figura, fazendo-a tombar na calçada portuguesa e no usufruto da gravidade, desfazendo-a em pedaços.

Ainda assim o espectro dessa escultura, pejado de simbolismo sebastianista, assombra o local, velado à grande maioria dos habitantes deste não-lugar, numa ambiência de antecipação.

CORTA PARA NEGRO

Surge TÍTULO:

"GURGULIO"

CORTA PARA

**2. EXT. RUAS DE VISEU - MONTAGEM - DIA**

CÂMARA LENTA. Chove torrencialmente nas ruas de Viseu. Uma CRIANÇA DE CABELO ESCURO corre, de braços abertos. Só se vislumbram as suas costas e nuca. Enquanto simula o voo, passa por várias zonas do centro da cidade.

- a) Rua Escura
- b) Rua Direita
- c) Parque Aquilino Ribeiro
- d) Praça da República
- e) Avenida Dr. António José de Almeida

**3. INT. CAMIONETA - DIA**

A criança passa pela janela onde escorre água da chuva. Sentado no lugar à janela, observando a criança, está PEDRO,

38 anos, alto, sobretudo sobre blusa e jeans.

Puxa lentamente a pele do sabugo das unhas.

O seu tronco balança numa curva.

#### 4. EXT. ESTAÇÃO DE CAMIONAGEM DE VISEU - GARAGEM - DIA

A camioneta estaciona e começam a vazar PASSAGEIROS.

No meio dos viajantes que saem está Pedro.

#### 5. INT. ENTRADA DA ESTAÇÃO DE CAMIONAGEM - DIA

Pedro sobe as escadas até à saída da estação.

À porta está CLARA, 38 anos, cabelo curto, larga de ossos, bochechuda, sorridente.

**CLARA**

Anda cá, maroto.

Pedro aproxima-se, meio atrapalhado, mas Clara puxa-o até si num abraço.

Pedro pára de resistir e amolece nos seus braços.

**PEDRO**

É bom ver-te.

Desprendem-se.

**CLARA**

Vá, temos hora e meia.

A Carolina está com os avós até à hora de almoço. Depois tenho de ir. Onde é que te apetece ir?

#### 6. EXT. RUAS DE VISEU - DIA

PLANO DE PORMENOR: As folhas de uma árvore fustigadas pela chuva. A chuva abranda até parar.

Clara e João atravessam a Praça da República e entram no Parque Aquilino Ribeiro.

**PEDRO**

...Mudou-se para Basileia. Agora trabalha na administração de uma ONG. Tens visto o Vasco?

**CLARA**

Vi-o faz uns anos.

Cruzamo-nos num restaurante.

Está igual. Está igualzinho.

Tomou conta da fábrica dos pais.

Lembras-te como ele era?

Lembras-te da Dona Graciela lhe dar o prémio do rapaz mais atinado?

**PEDRO**

E o Jorge? Que tal?

**CLARA**

Está fixe. Continua na secretaria do hospital.

*(olha Pedro nos olhos)*

Porque é que estás aqui?

Pedro senta-se num banco de jardim.

**PEDRO**

Não sei.

**CLARA**

Está tudo bem contigo?

**PEDRO**

Não sei.

*(pausa)*

Despedi-me. Amanhã tenho uma entrevista no Porto.

**CLARA**

Tu ontem soavas estranho.

O que é que aconteceu, maroto?

**PEDRO**

Estou cansado. Daquela cidade. Acho que nunca gostei de lá estar.

*(aponta à distância)*

Lembras-te de haver ali um escorrega? Nós vínhamos brincar para aqui com o André. Acho que quando saí daqui sempre achei que ia voltar.

**CLARA**

A tua mãe está bem?

**PEDRO**  
Está, está.

Clara corta o contacto visual e olha para o parque.  
CRIANÇAS brincam.

**CLARA**  
Então vieste matar saudades?

Pedro sorri.

**PEDRO**  
Uma das minhas primeiras memórias  
é de um sítio onde brincava em  
criança. Uma casa abandonada. Uma  
fachada com estátuas que me  
olhavam de boca aberta. Não tinha  
telhado, apenas restos de  
paredes. Como as ruínas de São  
Paulo em Macau, sabes?

Pedro olha para Clara.

Clara anui.

Pedro baixa os olhos e volta a observar o parque.

INTERCORTA COM

VISÃO

PUSH IN à criança de cabelo escuro, a brincar sobre escombros,  
de costas. O dia é soalheiro. À sua volta estão paredes semi  
desabadas. A natureza apoderou-se há muito do local.

INTERCORTA COM

**PEDRO (CONT'D)**  
Só tinha a fachada da rua,  
mas se conseguisses passar a porta  
entravas num matagal. Era como um  
portal para outro mundo. Num  
momento estavas na cidade e no  
momento seguinte estavas na  
selva... ou no sítio onde  
quisesses estar. E aquelas  
estátuas, hipnotisantes, a  
guardar a entrada. A primeira vez  
que fui lá brincar, desapareci  
durante horas e o meu pai ficou  
muito aflito comigo. Disse-me

para nunca mais desaparecer sem  
lhe dizer nada. Há uns meses li  
uma notícia que uma estátua na  
estação do rossio tinha sido  
destruída por um turista.  
Deitou-a abaixo sem querer...  
e fê-la em cacos. Não sei bem  
porquê, mas aquilo fez-me lembrar  
a casa abandonada e as suas  
estátuas de guarda. Essa estranha  
familiaridade fez-me sentir mais  
em casa do que o meu apartamento,  
do que o meu trabalho, do que as  
pessoas que me rodeiam. Desde  
então tenho sonhado muitas vezes  
com esse sítio.

**CLARA**  
Com esse sítio ou com quem eras  
quando lá estavas?

Pedro olha para Clara.

Clara sorri. Olha na direção do seu umbigo.

**CLARA (CONT'D)**  
Cuidado, maroto. Esse Viseu é só  
teu. Lembras-te que queria ir para  
Nova York? O meu sonho era viver  
lá. Quando tínhamos 15 anos. Entrar  
num gabinete de design e viver em  
Manhattan. Com vista para o Central  
Park. Agora vivo aqui e tenho a  
minha vida aqui. E não saí daqui.  
Aliás, a minha vida expandiu-se num  
raio de 15 quilómetros, se tanto.  
E sabes que mais? Estou contente  
com o que tenho. Não é uma  
cedência. Descobri que ainda não  
sabia o que queria. Descobri que  
sou capaz de perceber o que quero  
à medida que as coisas vão  
acontecendo. Que a vida vai  
acontecendo. Quem sabe? Mas se  
isso não acontecer, não faz mal.  
O que tenho deixa-me feliz.

**PEDRO**  
Achas que sim? Mesmo?

Clara pega na mão de Pedro e leva-a à sua barriga.

Pedro fica enrascado.

Clara sorri.

Pedro finalmente percebe.

**CLARA**

*(acenando com a cabeça)*

Sim.

**PEDRO**

A sério?

**CLARA**

Vai ser o cabo dos trabalhos. Eu ainda não tenho contrato e o Joca vai ter de conseguir o aumento que lhe andam a prometer à que séculos... mas o que tenho deixa-me muito feliz.

Pedro solta o braço gentilmente e levanta-se.

**PEDRO**

Vamos andar.

Clara reclinase para trás, no banco. Está pensativa.

**CLARA**

Essa casa que me falas não me diz nada, mas eu também não sou a melhor guia em Viseu. Em casa de ferreiro... Mas quem saberia? Tens alguém da tua família aqui a viver? Alguém que soubesse onde andavas em puto?

**PEDRO**

Não. Acho que não.

Clara roda ligeiramente a cabeça e franze os olhos.

**CLARA**

Não!? Mesmo? Tu és daqui. Deves ter algum familiar.

**PEDRO**

Tinha umas Tias Avós... Tia Avós? Tias Avó? Enfim... Tinha umas familiares que viviam perto da Sé, na rua escura.

**CLARA**

Ora aí tens.

**PEDRO**

Clara. Tias Avós. Já devem ter morrido há muito tempo.

**CLARA**

Lembras-te onde viviam?

**PEDRO**

Se visse a casa acho que sim. Não me lembro do número.

Clara levanta-se.

**CLARA**

Eu levo-te lá.

**PEDRO**

Clara!

**CLARA**

Pedro! O quê?

**PEDRO**

Olha-me agora eu a ir bater a casa de umas velhinhas...

**CLARA**

E? Tens a perder o quê?

Pedro não responde.

**CLARA (CONT'D)**

Hum? Vá!

Pedro sorri.

CORTA PARA

**7. EXT. RUA ESCURA - DIA**

Pedro e Clara aparecem vindos da Rua Direita.

Clara pára e abre os braços a Pedro.

**CLARA**

Maroto. Tenho de ir.

Pedro abraça Clara.

**PEDRO**

Obrigado. Eu telefono-te.  
Manda um abraço ao Jorge.

**CLARA**

Claro que sim. E tu cuida-te,  
está bem? Não te quero ver assim.  
Resolve o que tens a resolver e  
olha em frente, maroto.

Clara parte, deixando Pedro no início da rua.

Pedro avança rua adentro, nervoso.

POV de Pedro. Passa por vários transeuntes. Todos parecem  
encará-lo.

Uma porta que ele reconhece.

Hesita.

Leva a mão à porta.

É a MÃO de uma criança que bate à porta.

Silêncio.

Do outro lado da porta ouvem-se vozes de três VELHAS que se  
interpelam e completam a falar.

**CARMINDA (OFF)**

Pergunta quem é.

**CARLOTA (OFF)**

Deixa-me ver.

**CLARINDA (OFF)**

Quem é?

**PEDRO**

Olá...esta é a casa  
das tias Graça?

Depois de algum reboliço vindo dentro de casa, a porta abre-se  
numa frincha, segura por uma corrente.

**PEDRO (CONT'D)**

O...Olá. Sou eu. Hum. O Pedro.  
O vosso sobrinho. Sobrinho neto.

Uma cara enrugada espreita.

**CLARINDA**

O filho do Raúl?

Outra cara espreita...

**CARLOTA**

Deixa-me ver.

...seguida de uma terceira.

**CARMINDA**

"Deixa-me ver?" És cega!

A porta fecha-se.

Silêncio.

Pedro fica parado, atónito.

A porta abre-se de súbito.

Três anciãs - CLARINDA, CARLOTA e CARMINDA - observam Pedro.

**CLARINDA**

Aproxima-te, por favor.

**CARLOTA**

Mais perto, filho.

**CARMINDA**

Sim, mais perto.

Pedro aproxima-se lentamente e repara num par de ÓCULOS de  
tartaruga, de aspecto pesado, lentes redondas e amareladas,  
pousado sobre a mesa de mármore da entrada, ao lado de uma  
redoma em vidro com um arranjo floral seco e um pássaro  
empalhado no seu interior.

**PEDRO**

Será que estão à procura disto?



Pedro aponta para o par de óculos.

Uma das anciãs agarra-o avidamente. As outras vão alternando, à vez, colocando o par de óculos.

**CARMINDA**

Pedro?

**CARLOTA**

O nosso Pedro?

**CLARINDA**

O Pedrinho?

Pedro sorri.

**PEDRO**

Sim, Tias, sou eu.

CORTA PARA

#### 8. INT. SALA DE ESTAR - TARDE

O BADALAR de um relógio de parede. Paredes forradas a papel de parede com uma trama de arranjos florais. Móveis pesados e escuros.

Um relicário.

Quadros a óleo com enormes molduras douradas.

Uma mesa de café apresenta um enorme bule cerâmico, várias chávenas e um prato de biscoitos.

Pedro está sentado numa poltrona, com um álbum de fotografias na mão.

Do lado oposto, fechando um círculo, as três anciãs observam Pedro.

**CARMINDA**

Como está a tua mãe?

**PEDRO**

Bem, obrigado.

**CARLOTA**

Nós fomos ligando.

**CLARINDA**

Mas nunca vos apanhamos em casa.

**PEDRO**

Pois, ela não ouve muito bem de um dos ouvidos. E eu já saí de casa faz uns anos.

Uma fotografia de uma criança de cabelo escuro, de costas, dá a mão a um homem parecido com Pedro.

**PEDRO (CONT'D)**

Esta foi a minha mãe que vos arranjou, não foi?  
Eu tenho uma igual.

**CARLOTA**

Eram as fotografias do tio Carlos. O nosso Raúl com o Pedrinho. Muito bonita.

**CARMINDA**

Muito bonita.

**CLARINDA**

Quando tu e a tua mãe se mudaram, perdemo-vos o rasto. O tio Carlos é que nos ia dizendo como estavam.

Silêncio.

**CLARINDA**

E tu, filho, o que fazes?

**CARLOTA**

Não sabemos nada de ti.

**CARMINDA**

Porque é que não nos vieste visitar antes?

**PEDRO**

Eu... tenho uma vida muito ocupada. E viajo muito.

Silêncio.

**PEDRO (CONT'D)**

Mas em resposta à vossa pergunta, toco numa orquestra.

**CARMINDA**

Ai que maravilha.

**CARLOTA**

Meu rico menino.

**CLARINDA**

Como o pai.

**PEDRO**

Como o pai?

Carminda levanta-se a custo.

**CARLOTA**

Deixa estar, eu vou buscar.

**CLARINDA**

Olha a ciática, Minda.

As três começam a barafustar entre elas até Carminda desaparecer por uma porta.

**PEDRO**

O meu pai tocava?

**CLARINDA**

Quando ele era novo, nós oferecemos-lhe uma flauta para ele tocar na escola.

**CARLOTA**

Tinham um recital no final do ano.

**CLARINDA**

Mas ele não gostava do som.

**CARLOTA**

Dizia que não era o que ouvia nos filmes.

As duas desatam a rir-se, num esforço entre a falta de ar e a risada que mais parece uma tosse.

**CLARINDA**

Eu sabia lá o que ele queria dizer com aquilo.

**CARLOTA**

Os filmes...

Carminda regressa com uma PEQUENA MALA.

**CARMINDA**

Até que arranjou o que ele queria.

A Carminda arrasta-se lentamente, demorando uma eternidade a entregar a pequena mala a Pedro.

**CLARINDA**

Já te queríamos dar isto faz muito tempo, mas nunca mais te vimos.

Pedro abre a mala cuidadosamente. Lá dentro está um SAXOFONE.

**PEDRO**

Não sabia que ele tocava.

**CARLOTA**

Ele incompatibilizou-se com o instrutor dele...

**CLARINDA**

Foi uma estupidez.

**CARMINDA**

Foi uma pena.

**CARLOTA**

O que tocas, filho?

**PEDRO**

Clarinete.

Pedro olha para o relógio de parede.

**PEDRO (CONT'D)**

Tenho de me ir embora. Tenho de apanhar a camioneta para o Porto.

**CARLOTA**

Já, filho?

**CLARINDA**

Não deu tempo para nada.

**CARMINDA**

Ao menos toma o teu chazinho.

Pedro levanta-se.

**PEDRO**

Desculpem-me. Tenho mesmo de ir.

**CARLOTA**

Leva o Safoxone.

**CLARINDA**

É para ti.

**CARMINDA**

O teu pai ia querer.

CORTA PARA

**9. EXT. RUA ESCURA - DIA**

A porta abre-se e sai Pedro.

**PEDRO**

Obrigado por tudo.

**CARLOTA**

Estamos aqui, filho.

**CLARINDA**

Vem visitar-nos.

**CARMINDA**

E diz com antecedência para te  
fazermos qualquer coisa da  
próxima vez.

**PEDRO**

Obrigado.

Pedro acena enquanto se afasta.

Pára.

**PEDRO (CONT'D)**

Desculpem! Mais uma coisa!

**CARLOTA**

Sim?

**CLARINDA**

Que foi, filho?

**PEDRO**

Alguma de vocês se lembra de  
alguma casa abandonada onde  
costumava brincar em criança?  
Isto diz-vos alguma coisa?

**CARMINDA**

Uma casa abandonada...

**CARLOTA**

...onde brincavas em criança?

**CLARINDA**

A casa das bocas. Era do outro  
lado da casa do teu tio Carlos.

**CARMINDA**

Na Rua das Bocas!

**PEDRO**

Rua das Bocas?

**CARLOTA**

Vá, Minda, esse não  
é o nome da rua.

**CARMINDA**

É assim que toda a gente a chama!

**CARLOTA**

Mas não é o nome da rua!

**CARMINDA**

Eu sei lá agora.

**CLARINDA**

Rua João Mendes. O teu pai ficou  
muito arreliado a primeira vez  
que te perdeste por lá.

**PEDRO**

(afasta-se)

Eu sei.

**CARMINDA**

Rua João Mendes!

**PEDRO**

Rua João Mendes. Obrigado.

Pedro volta a acenar.

**PEDRO (CONT'D)**

E obrigado pelo chá!

Pedro acelera o passo.

Olha para o seu TELEMÓVEL.

Abre a aplicação do serviço de transportes.

"PARTIDA ÀS 18.00"

O relógio marca as 17:27.

PLANO GERAL. Pedro chega ao fim da rua, que se bifurca em duas direções. Pergunta algo INAUDÍVEL a uma MULHER que passa. A mulher aponta à esquerda. Pedro agradece e fica parado a meio da rua pedonal. Olha repetidamente entre a direita, a esquerda e o seu telemóvel. Decide ir pela esquerda.

CORTA PARA

#### 10. EXT. ESQUINA - FIM DA TARDE

Pedro vê a tabuleta.

"RUA JOÃO MENDES"

Olha para o seu telemóvel.

17:44

Pedro recua.

Quando se está a voltar para trás vê algo que o faz parar onde está.

Um rapaz de cabelo escuro corre rua adentro.

**PEDRO**

Ei! Espera!

Pedro segue o rapaz...

#### 11. EXT. RUA DAS BOCAS - FIM DA TARDE

... até parar, estarrecido.

A criança entra por uma porta apodrecida. TILT UP para revelar um conjunto de GÁRGULAS.

Pedro observa, congelado. Caem pingas de água na sua cara. Começa a chover.

PLANO DE PORMENOR de uma gárgula que representa uma figura masculina, com as restantes em pano de fundo. Começa a soltar um fio de água da sua boca.

A Casa das Bocas é um prédio devoluto, de paredes rosa desbotado, com um gerador anexo e toldos que indicam a intenção de obras.

Pedro entra na Casa das Bocas.

#### 12. INT. CASA DAS BOCAS - FIM DA TARDE

Pedro aparece pela porta.

POV de Pedro. O interior da casa está a céu aberto. Por detrás da fachada principal, o matagal apresenta-se denso. Algumas partes das divisões ainda estão demarcadas, com pedaços das paredes ainda levantadas.

Pedro caminha para o interior da casa, deixando-se molhar.

Senta-se num pequeno monte de escombros.

Pousa a pequena mala no chão, mas o trinco está solto e esta abre-se.

O saxofone cai na terra.

Pedro olha para o objecto polido, que reflete a sua figura deformada na campana.

Pedro recolhe o Saxofone do chão com cuidado, hipnotizado pelo seu reflexo.

Uma silhueta vislumbra-se no reflexo polido do instrumento de sopro. Do fundo, por detrás dos restos de uma parede em ruína, aparece a figura de uma criança, deformada pelo reflexo. Levanta-se do chão e aproxima-se lentamente. O detalhe da sua cara é incompreensível.

**PEDRO**

A primeira vez que vim cá  
brincar, desapareci durante horas  
e o pai ficou todo aflito.

Pedro sorri, contemplativo.

**PEDRO (CONT'D)**

*(enquanto o sorriso se desfaz)*  
Disse-me para nunca mais  
desaparecer sem lhe dizer nada.  
Irónico, não é? Lembras-te?

Vista pelo reflexo, a figura pára.

**PEDRO (CONT'D)**

Se soubesses quantas saudades  
tinha de ti... de te ver outra  
vez. Lembras-te do tanto que  
brincaste aqui? Das aventuras.  
Dos mundos. Se soubesses a falta  
que me fazes. Eras imparável.  
A tua determinação...

Vista pelo reflexo, a figura dá um passo a trás.

**PEDRO (CONT'D)**

Não te vás embora. Fica.  
Vem até mim. E se pudesses ficar  
aqui comigo? Para sempre.

Vista pelo reflexo, a figura continua a recuar.

A água escorre na cara de Pedro.

**PEDRO (CONT'D)**

O que é que queres de mim?  
Fiz tudo o que podia por ti.  
Vivi tudo o que podia por ti.  
Experimentei tudo o que podia  
por ti. Não te vou dizer o que  
te aguarda, mas todas as horas que  
passaste a antecipar, a imaginar,  
a esperar, com o teu coraçãozito  
a bater cheio de força, foram...  
*(pausa, para si)*  
Se ao menos soubesses que o mundo  
lá fora era menor do que aquele  
que aqui tinhas.  
Tão mais pequeno...  
Já nada do que é novo me...

PUSH IN à cara de Pedro. Este vira-se, muito lentamente, para encarar o que está atrás de si.

O saxofone cai no chão.

CORTA PARA

**13. EXT. CASA DAS BOCAS - FIM DA TARDE**

CÂMARA LENTA. Chove torrencialmente. As gárgulas bolsam correntes de água. Uma CRIANÇA DE CABELO ESCURO sai pela porta da Casa das Bocas e corre, de braços abertos. Só se vislumbram as suas costas e nuca. Enquanto simula o voo, passa por várias zonas do centro da cidade.

- a) Rua Escura
- b) Rua Direita
- c) Parque Aquilino Ribeiro
- d) Praça da República
- e) Avenida Dr. António José de Almeida

**14. EXT. ESTAÇÃO DE CAMIONAGEM - FIM DA TARDE**

O último PASSAGEIRO sobe os degraus da porta frontal de uma camioneta.

O MOTORISTA termina a conversa que tem com um COLEGA e entra.

A camioneta arranca, contornando o estacionamento e partindo pela avenida abaixo.

A criança de cabelo escuro corre avenida abaixo até perder a camioneta de vista.

**15. INT. CAMIONETA - FIM DA TARDE**

Os PASSAGEIROS acomodam-se para a viagem que aí vem.

Um lugar reservado. Um lugar vazio.

CORTA PARA

**16. RUA DAS BOCAS - DIA**

O dia é soalheiro. A casa das bocas encontra-se totalmente restaurada. Uma placa em acrílico com as iniciais USF ladeia a entrada. Um CASAL entra pela porta automática enquanto uma IDOSA sai.



**NARRADOR**

Uma casa senhorial em Viseu  
outrora devoluta, encontra agora  
uma nova vida de utilidade  
pública. Na sua fachada  
ostentam-se onze gárgulas, cada  
uma com a sua peculiar estória.

Estas entidades, pejadas de  
simbolismo obsoleto, assombram  
o local, velado à grande maioria  
dos transeuntes desatentos, numa  
ambiência de antecipação.

As várias GÁRGULAS apresentam-se restauradas na fachada. A  
última a surgir em quadro é a representação de um HOMEM QUE  
TOCA UM INSTRUMENTO DE SOPRO.

FADE PARA NEGRO

CRÉDITOS FINAIS

Shortage

WWW.SHORTAGE.ONLINE